

Arte, Filosofia e Museologia LGBTQIAP+: escrevivências na exposição

Isso não é surreal: uma aventura decolonial na mira do arco-íris

Wagner de Souza João*

Recebido em: 01/11/2023

Aprovado em: 21/11/2023

Resumo

Este artigo foi escrito por meio do método bibliográfico e da metodologia da “escrevivência” de Conceição Evaristo. Propõe-se a refletir a experiência de um homem gay que um dia também foi criança, um corpo pertencente à comunidade LGBTQIAP+, que por meio da arte, da filosofia, da memória e da escrita se expõe e se expressa. Este artigo é construído sobre as bases da Sociomuseologia e da Museologia LGBTQIAP+, carregando em si o teor da denúncia sobre a violência exercida sobre os corpos e as mentes das pessoas que não se enquadram à norma social devido à sexualidade dissidente. Fazendo o uso da imagem e do belo, proponho uma leitura criativa e crítica sobre uma sociedade pautada na heteronormatividade.

Palavras-chaves

Arte; Decolonização; Escrevivência; Heteronormatividade; LGBTQIAP+.

Abstract

This article was written by conducting a literature review and based on the “escrevivência” methodology by Conceição Evaristo. It proposes itself on the reflection of a gay man who was once also a child, a body belonging to the LGBTQIAP+ community, which through art, philosophy, his memories and writing exposes and expresses himself. The article is built upon the LGBTQIAP+ Sociomuseology and Museology, carrying within itself the complaint concerning the violence practised on the bodies and minds of those who do not fit the social norms due to their dissident sexuality. By making use of image and beauty, I propose a creative and critical review upon a society based on heteronormativity.

Keywords

Art; Decolonization; “Escrevivência”; Heteronormativity; LGBTQIAP+.

* Formado em Artes Plásticas pela Fundação de Ensino Superior de Bragança Paulista (FESB), é mestre pela Universidade Lusófona. É também doutorando em Sociomuseologia na Universidade Lusófona de Lisboa, Portugal, investigador do CeIED (Centro de Estudos Interdisciplinares em Educação e Desenvolvimento) e artista plástico. Foi docente do Estado e da Prefeitura de São Paulo entre 2005 e 2017. ORCID:0000-0002-7043-4563.

Email:wagnersjoao@hotmail.com. <http://lattes.cnpq.br/1008046723350540>.

Introdução:

Convido a quem lê este texto a refletir sobre a memória LGBTQIAP+ por intermédio da arte, da filosofia e da Museologia LGBTQIAP+. Para tal, em primeiro lugar, percorro uma breve escrivência, apresentando desenhos e pinturas refletidos dentro das questões LGBTQIAP+; em seguida, exploro as expressões próprias da exposição *Isso não é surreal: uma aventura decolonial sob a mira do arco-íris*. Paralelamente, pretendo neste artigo discutir temas que, por sua relevância, fazem parte das pautas sobre as quais a Sociomuseologia se debruça quando se relaciona com a Museologia LGBTQIAP+, para pensar o mundo em sua realidade e suas carências.

Vale salientar que a relação entre o debate teórico da Museologia LGBTQIAP+ com o debate teórico da Sociomuseologia é fruto de esforços de profissionais, intelectuais e teóricos da área, sendo o dossiê “Corpos e dissidências nos museus e na museologia” nos *Cadernos de Sociomuseologia*¹ um marco dessa aproximação entre os teóricos dessas museologias. Já no editorial da publicação, Judite Primo, Jean Baptista e Tony Boita alertam para a necessidade de discutir e confrontar a “colonialidade e o etnocentrismo” que são “fóbicos” e “vergonhosos”,² mas que ainda estão presentes nos museus e na museologia, sendo as questões de gênero e de sexualidade, em suas interseccionalidades, temas centrais para a teorização.

Quero também já antecipar que este artigo que vos apresento não trata apenas de trazer à tona as memórias traumáticas de uma vivência LGBTQIAP+, mas também promover diferentes olhares para a construção de novas narrativas por meio de outras linguagens, neste caso, por meio da arte. Trago-vos o olhar de um “artista-museólogo” sobre a memória, interpretando a filosofia de Nietzsche e tendo em mente a “Pedagogia Decolonial (Catherine Walsh) – uma pedagogia que promova políticas de ações e de reflexão em prol da equidade, respeito pelas diferenças e os diferentes, que assuma processos para além da educação formal e da museologia normativa”.³

¹ PRIMO, J.; BAPTISTA, J.; BOITA, T. “Editorial”. *Cadernos de Sociomuseologia. Corpos e Dissidências nos Museus e na Museologia*, vol. 61, nº 17, 2021.

² *Ibidem*, p. 2.

³ PRIMO, J.; MOUTINHO, M. “Uma releitura do mundo pelo olhar da Sociomuseologia”. In: PRIMO, J.; MOUTINHO, M. *Sociomuseologia para uma leitura crítica do Mundo*. Lisboa: ULHT, 2021, p. 31.



Imagem I. Título: *Transparência*. Autor: João Wagner Daruich.⁴

Para tal, este artigo está dividido em três partes: a primeira, onde introduzo os principais conceitos que utilizo, bem como a justificativa para seus usos; em seguida, na segunda parte, falo sobre o processo criativo, de como surgem estes trabalhos; e para finalizar, na terceira parte, trago para a discussão duas obras que fazem parte da exposição na 18ª Edição da *Revista Memórias LGBTQ+ (2023)* em formato digital,⁵ o que gerou também a minha participação no IV Seminário Museus, Memória e Museologia LGBTQ+ 10 anos.

Da Museologia LGBTQIAP+ às apresentações e justificativas para a escritivência

É possível afirmar que a museologia contemporânea pode ser política e partidária? De acordo com as premissas de pensadores como Judite Primo e Mário Moutinho, a

⁴ WAGNER DE SOUZA, João. *Museologia: o indivíduo em cena*. Dissertação de mestrado em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2021.

⁵ Disponível em: <https://memoriaslgbt.com/revista-memorias-lgbt-edicao-18-memorias-lgbt-10-anos/>. Acesso em: 2 Jul. 2023.

Museologia Social e a Sociomuseologia, apesar de não pertencerem a partidos, tomam partido de diversas frentes políticas. Hoje, através da Sociomuseologia, somos capazes de reconhecer que os movimentos insurgentes contra toda a cultura de educação hegemônica e opressora possuem o poder transformador para a escrita de uma nova história através da memória – porém, livre das amarras enraizadas no passado e em busca do desenvolvimento da sociedade, visando um futuro melhor para todos e todas.

Não podemos pensar a Museologia Social e Sociomuseologia sem considerar que existe um vasto contexto de educação reversa dominante que quebra o sentido da indignação. São áreas de atuação que não podem ser entendidas como distintas dos outros campos de insurgência política e social atuais, fora de um projeto mais amplo em favor de mais justiça social. A Museologia Social e a Sociomuseologia são na verdade parte de uma insurgência mais ampla, marcada, e que se inscreve nas lutas ambientalistas contra o aquecimento global, nas lutas pela igualdade e equidade de gênero, nos movimentos antirracistas e anti hegemônicos, nas lutas sindicais, nos movimentos pelo direito à terra e à água, nos movimentos por uma educação formal a serviço da cidadania.⁶

Sobre as insurgências na museologia, podemos também dizer que as causas LGBTQIAP+ estão diretamente atreladas às “questões decoloniais no âmbito dos estudos pós-coloniais”, uma vez que a Museologia LGBTQIAP+ participa da “inserção da Museologia nos processos contemporâneos de insurgência”.⁷ Nesse caso, é possível perceber que as museologias são diversas porque há a existência de diferentes movimentos de insurgência engajados na decolonização da museologia de forma interseccional, que também são capazes de agregar as causas da Museologia LGBTQIAP+,

(...) as quais são marcadas por outros eixos de subordinação como gênero, raça e classe, para citar alguns marcadores sociais das diferenças, comungam do mesmo desejo de emancipação e democratização do campo dos museus, patrimônios e memórias. Nesse sentido é uma museologia em pleno diálogo com uma Museologia Feminista também emergente e interseccional em raça e classe (...). Reforça-se, com isso, um elo histórico entre população LGBT e mulheres feministas, negras e/ou pobres, do mesmo modo inconformadas com a exclusão e a violência empreendida por uma sociedade fóbica à diversidade.⁸

⁶ PRIMO, J.; MOUTINHO, M. “Sociomuseologia e decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do mundo”. In: PRIMO, J.; MOUTINHO, M. *Teoria e prática da Sociomuseologia*. Lisboa: ULHT, 2021, p. 30.

⁷ *Ibidem*, p. 28-29.

⁸ BAPTISTA, J.; BOITA, T.; WICHERS, C. “O que é Museologia LGBT?”. *Revista Memórias LGBTQI+FEMINISMO*, 2020, p. 5.

Judite Primo e Mário Moutinho, assim como muitos outros pensadores de diferentes áreas do saber, e de diferentes períodos da história – em especial, aqui trago-vos o filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900)⁹ –, apontam para a existência de uma “matriz de poder” que mantém a cultura eurocentrada mesmo dentro da Museologia. Reflexo de uma sociedade que sustenta o sistema de controle das mentes e nos hierarquiza, estratifica a sociedade e violenta os nossos corpos, nossa sexualidade, nossa postura e a nossa cultura através de discursos que reforçam as estruturas da heteronormatividade. Mas, felizmente, em resistência a essa matriz de poder, a Museologia LGBTQIAP+ é o lugar de representação da nossa comunidade, representação em primeira pessoa; é uma Museologia “popular” que pode ser

(...) produzida por pessoas que pertencem a determinadas comunidades com sexualidades dissidentes da matriz heterossexual, dotadas de conhecimentos específicos próprios dessas comunidades, falantes do pajubá e comprometidas com uma história, memória, patrimônio e luta social comum – ou seja, é uma Museologia produzida por quem utiliza o pronome “nós” (...) o pertencimento direto, portanto, é característica fundamental dessa produção.¹⁰

Em virtude da ligação direta entre a Museologia LGBTQIAP+ e as comunidades vulneráveis, em contraste com uma Museologia LGBT fóbica, a Museologia LGBTQIAP+, devido aos esforços dos pesquisadores e teóricos, “integra certamente a Museologia Social ou a Sociomuseologia”,¹¹ o que é uma grande conquista para a Museologia em seu desenvolvimento. Uma grande conquista, porque, como bem nos lembra Baptista, Boita e Brigidi,¹² todo o movimento da Nova Museologia, com seus discursos sobre a inclusão, após a década de 1970, deixou de fora a comunidade LGBTQIAP+, que morria em consequência da pandemia do HIV/AIDS, enquanto os museus e a Museologia sob a égide da Nova Museologia, que se dizia democrática, silenciavam diante da catástrofe. Hoje, reforço o “felizmente”, as questões de gênero e sexualidade são pautas da Museologia Social e da Sociomuseologia, que se adaptam para serem capazes de abranger as demandas sociais e tomar partido daqueles que durante muito tempo foram subalternizados pela exclusão:

⁹ NIETZSCHE, F. W. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. (Trad. de Paulo César de Souza). 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁰ BAPTISTA, J.; BOITA, T.; WICHERS, C. Op. cit., p. 5.

¹¹ Ibidem.

¹² BAPTISTA, J.; BOITA, T.; BRIGIDI, B. B. “Em tempos pandêmicos de HIV/AIDS e Covid-19: museologia queer BIPOC e corpos pedagógicos entre necromuseus e museus pela vida”. In: PRIMO, J.; MOUTINHO, M. *Sociomuseologia para uma leitura crítica do Mundo*. Lisboa: ULHT, 2021.

Como bem aponta Judite Primo (2019), a pauta LGBTQIAP+, em diálogos com as demandas raciais, de gênero, de classe e ambientais, é um dos desafios contemporâneos que se impõe à Museologia e não pode mais ser ignorada. É preciso que se entenda que não existe Sociomuseologia ou Museologia Social LGBTQIAP+fóbica e misógina. Não é possível falar de democracia em museus excludentes. Não se pode pensar qualquer dimensão social, comunitária, cultural, patrimonial, memorial onde gente como nós não esteja presente. Somos muitos e estamos em todos os lugares, e não vamos desaparecer ou nos silenciar.¹³

Nesse âmbito, das muitas histórias LGBTQIAP+, vividas e espalhadas pelo mundo todo, na luta pelos espaços de fala e pelo direito à existência, me apresento como um protagonista LGBTQIAP+, que gostaria de narrar um pouco da sua experiência no mundo, a qual está longe de ser definida, pois trata-se da vida vivida, em fluidez e transformação constante, como as águas que correm em um rio. Trata-se de representatividade fora das paredes dos museus heteronormatizados e pretende ser uma expressão da Museologia LGBTQIAP+, já que pode carregar o poder de potencializar o diálogo entre o indivíduo e a comunidade de forma horizontalizada sem a estratificação das hierarquias verticais. Neste caso, enquanto narrativa de experiências puxadas pelo registro da memória no exercício da “escrevivência”, tal qual nos apresenta Geanine Escobar em sua própria escrevivência enquanto mulher lésbica negra:

Conceição Evaristo transcreve sentimentos, dores, gritos e sussurros de mulheres que secularmente tiveram suas vozes insistentemente mantidas em silêncio através de poemas, romances e contos com base no cotidiano. Sua escrita nasce das experiências positivas e negativas da sua própria vivência e das vivências comuns da população negra no Brasil. Esta forma de escrita que é o que a autora chama de “escrevivência”.¹⁴

Nesse sentido, tomo emprestado o termo “escrevivência” que foi utilizado para evidenciar a luta e a vida de mulheres negras a partir de proposta de Conceição Evaristo, para expor o que ninguém pode questionar: a minha experiência enquanto membro da comunidade LGBTQIAP+, ou como gay, enquanto sujeito marginalizado na sociedade, excluído e historicamente violentado. Pensa-se, portanto, na geração de escritas pautadas em minha vivência, de modo que, tal qual faço em minha arte, possa expressar com

¹³ Ibidem, p. 129-130.

¹⁴ ESCOBAR, G. “Por uma museologia lésbica negra”. *Cadernos de Sociomuseologia*, vol. 61, nº 17, 2021, p. 11.

melhor qualidade meus desejos por uma futura sociedade e uma museologia que não seja LGBTfóbica.

Gostaria de ressaltar aqui também o conceito de “sujeitos-geradores/corpos-geradores”, e “corpos-políticos” como corpos que atuam no mundo através de sua insurgência, de sua insubordinação ao sistema hegemônico; o *ser* que com seu corpo pertencente à comunidade LGBTQIAP+ transgride as regras da heteronormatividade, da hegemonia.

Talvez estejamos no contexto da Sociomuseologia, como herdeiros da Nova Museologia, em momento de pensarmos na categoria de “sujeitos-geradores/corpos-geradores”. Sujeitos que sendo alvo de agressões sucessivas, usam seus corpos para atuarem criticamente no mundo, que usam seus corpos para lerem o mundo, corpos políticos, corpos simbólicos de pessoas que usam seus corpos como telas que expressam suas transgressões e insurgências, que se entendem como os leitores e escritores do mundo contemporâneo. Essa noção se conecta com as lutas e estudos sobre raça-gênero-sexualidade-classe numa perspectiva interseccional. Ampliando o conceito de Varine de “pessoas-recursos” para o de “pessoas-geradoras”.¹⁵

Nesse ínterim, apesar da consciência dos privilégios enquanto homem cisgênero branco, sou também um corpo de sexualidade dissidente, homossexual que humildemente pede licença para ocupar o espaço da “pessoa-recurso” como um “corpo-gerador” que através da experiência vivida é capaz de criar. Mas, antes de iniciar minha narrativa trago o conceito de “desindividualização” de Hanna Arendt, pois o que se segue, é também uma forma de tentar tornar minha experiência vivida mais real e inteligível para o mundo, tal qual nos apresenta a filósofa:

(...) tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível. Para nós, a aparência – aquilo que é visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos – constitui a realidade. Em comparação com a realidade que decorre do facto de que algo é visto e escutado, até mesmo as maiores forças da vida íntima – as paixões do coração, os pensamentos da mente, os deleites dos sentidos – vivem uma espécie de existência incerta e obscura, a não ser que, e até que, sejam transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, por assim dizer, de modo que tornem-se adequadas à aparição pública. A mais comum dessas transformações ocorre na narração de histórias e, de modo geral, na transposição artística de experiências individuais.¹⁶

Como se percebe, meu aporte conceitual perpassa pelo entendimento de que é possível produzir uma escrevivência LGBTQIAP+ no campo da Sociomuseologia em

¹⁵ PRIMO, J. *Sociomuseologia para uma leitura crítica do Mundo*. Lisboa: ULHT, 2021, p. 14.

¹⁶ ARENDT, H. *A condição humana* (Trad. de Roberto Raposo). Lisboa: Anthropos, 2001, p. 64.

diálogo com a Museologia LGBTQIAP+, entendendo meu corpo enquanto gerador de memórias. Por conseguinte, expressei isso na arte e na exposição *Isto não é surreal: uma aventura decolonial na mira do arco-íris*, realizada na 10ª edição da *Revista Memórias LGBTQIAP+ em 2023*¹⁷, onde tive a honra de ser convidado a mostrar meu trabalho artístico, da qual trago algumas obras para serem discutidas mais adiante.

Da narrativa da vida vivida sendo gay e as inspirações para o processo criativo

Portanto, fazendo o uso da narrativa através da escrita e da transposição artística, numa interpretação da escrevivência, encontro aqui as memórias que melhor me apresentam como gay, branco, homem cisgênero, cabelo preto cacheado, olhos castanhos, 1,80m de altura. Nasci em 1985 numa pequena cidade de natureza exuberante, Mairiporã, bem ao lado da cidade de São Paulo, que chamavam de “cidade-dormitório”, uma maneira carinhosa para dizer que a cidade não se desenvolvia ou que não havia muita opção. Meus pais se amavam e disso não tenho dúvidas; minha mãe, muito atenciosa, me deixava à vontade, mesmo ao saber que eu passava a vida a brincar com bonecas e casinha na casa da vizinha.

Meu pai era trabalhador braçal, trabalhava com topografia, além de ser peão de obra e fazer serviços como pedreiro para complementar a renda. Fazia aquela linha bem rústica de macho alfa, fumando cigarros e bebendo cerveja com os amigos após o trabalho. Sua presença para mim era bastante opressora, mas eu não sabia o porquê; talvez pelo seu silêncio e distanciamento afetivo, não sei dizer. Mas, sua figura se tornou ainda mais opressora quando tomei a consciência de que eu não correspondia às expectativas que um pai tem sobre os filhos homens dentro dessa matriz familiar ideal, sagrada e heteronormatizada.

Eram nítidas as diferenças entre mim e o meu irmão, que “pegava” todas as meninas; na adolescência ganhou destaque como garoto “top” do colegial (até parece coisa de cinema, de tão comum). Mas, para manter esse *status* de heterossexual pegador de meninas, foi capaz de ser bem cruel comigo. Luis Alegre fala sobre a “submissão ao comportamento gregário”, que “geralmente é mais forte nos varões heterossexuais do que nas mulheres”. Prova disso foi o meu irmão ter me violentado fisicamente e mentalmente durante anos. Sozinhos em casa ou na frente dos meus amigos ou dos amigos

¹⁷ Disponível em: <https://memoriaslgbt.wordpress.com/exposicao-em-revista-edicao-18-memorias-lgbt-10-anos/>.

dele. O que me revoltava era ter a ideia de que ele, sendo o meu irmão mais velho, homem, devia me proteger (pois era assim que eu acreditava que deveria ser, pois era assim que sempre ouvi dizer em casa, ou na igreja: ser família!).

(...) se comportam na adolescência como verdadeiros escravos das normas que se sentem obrigados a cumprir (...) uma parte importante dessa sujeição submissa à norma consegue-se mostrando publicamente um forte compromisso com a exclusão e a discriminação do diferente. De fato. A hostilidade contra qualquer desvio é, muitas vezes, o modo mais eficaz de mostrar ao grupo a vassalagem à norma. E a homossexualidade foi e continua a ser um alvo prioritário.¹⁸

Claro que, na época, eu não tinha noção de que a formação da identidade heterossexual do meu irmão, e do resto do mundo, não partiu de um sentimento legítimo dele, mas sim de uma ideia de grupo, de um ideal de um sistema e de uma matriz de poder de antigas gerações passadas. Assim, como todos aprendem com seus ancestrais nesse sistema “de educação reversa dominante que quebra o sentido da indignação”,¹⁹ era claro para mim que a rejeição partia de quase todos os rapazes da escola, dos tidos como “normais”. Mas, infelizmente o que os héteros muitas vezes não sabem é que a identidade que partilham e tudo o que acreditam ser foi lhes incorporado sem seu consentimento, pois o colonialismo das mentes por meio da manipulação de diferentes formas sempre os dominou:

Esse padrão mundial de colonialidade é, portanto, resultado e expressão da disputa pelo controle do sistema, pelo controle da produção e do saber, e pelo controle dos seres. Assim, a colonialidade do poder é entendida por Quijano (2002) como um conceito que sustenta a base do atual padrão de poder mundial. Entre outras coisas, essa colonialidade constitui assim a identidade política da sociedade atual, que alimenta e sustenta o padrão normativo do homem branco, cis e heterossexual. Essa narrativa sustenta o racismo, o patriarcado/machismo, e a LGBTfobia das nossas sociedades. A racialização do outro, o cis gênero e a heteronormatividade funcionam na contemporaneidade para legitimar a exploração econômica, o controle físico e social, mas para além disso, funcionam também no plano psíquico, na produção de conhecimento e subjetividade, funcionam como alicerce da identidade que sustenta a política de poder da sociedade.²⁰

¹⁸ ALEGRE, L. *Elogio da homossexualidade* (Trad. de Jorge Melícias). Coimbra: Edições 70, 2017, p. 35-37.

¹⁹ PRIMO, J.; MOUTINHO, M. “Uma releitura do mundo pelo olhar da Sociomuseologia”. Op. cit., p. 30.

²⁰ PRIMO, J. & MOUTINHO, M. “Sociomuseologia e decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do mundo”. Op. cit., p. 30.

Uma das minhas piores memórias é sobre o dia em que, ao sair da escola, um grupo de meninos veio atrás de mim. Eles me chamavam de todos os adjetivos que um hétero pode usar para tentar ofender alguém no que diz respeito à homossexualidade. A zombaria aumentava e ganhava mais força porque eu não reagia; talvez nem olhasse para trás enquanto eles me seguiam e gritavam, querendo minha atenção e reação. Um deles tomou a frente do grupo e me deu chutes enquanto os demais riam daquilo. Eu só podia ter os olhos embotados de lágrimas, segurando firme para não as derramar. Um senhor que viu a cena resolveu intervir e chamar a atenção da molecada que talvez tenha se dispersado, já não consigo me lembrar direito. Mas essa parte da agressão, assim como outras, cravou-se na minha memória, assim como também me lembro de que aquele menino que me deu pontapés já tinha sido um dia meu amigo e que brincávamos juntos na minha casa. E para ir mais a fundo, foi com ele mesmo que tive as minhas primeiras descobertas sexuais antes desse acontecimento – sim, com aquele que me chutava, fazendo a maior demonstração de sua força e poder enquanto aprendiz de homem heterossexual sobre a sexualidade dissidente.

Por influência da minha irmã e para o deleite dos meus pais, passei toda a minha adolescência na Igreja Protestante, onde tentava buscar o perdão e a cura para aquele sofrimento silencioso e solitário, tendo Deus como testemunha. Eu não podia contar para o meu pai que eu sofria ataques na escola por eu ser “bicha”, “veado”, “gazela” e tudo o mais. Não podia dizer à minha mãe que muitas das discussões e brigas com o meu irmão eram devido à opressão que ele e eu passávamos sobre minha sexualidade entre os rapazes da escola. Tal como indica Paulo Freire, no caso do meu irmão é possível dizer que “o sonho do oprimido é o de se tornar o opressor”,²¹ pois ele repetia esse padrão de comportamento quando descontava toda a sua raiva em mim. Raiva pelo que ele tinha que aturar das zombarias na escola, do peso de ter que sustentar o padrão exigido, excluindo o diferente, mesmo que fosse o seu irmão, pois ser associado a um “viadinho” nessa fase da adolescência na década de 1990 não era fácil; e isso ainda deve estar acontecendo com outros jovens por aí.

E quanto a mim? Descontava a raiva onde e em quem? Ridículo, mas sério – corporificando agora em mim a máxima de Freire, minha vergonha é lembrar que eu também oprimia os outros rapazes que passavam pelos mesmos problemas que eu. Eu evitava a qualquer custo, fazia piadas, ofendia, agredia fisicamente, tudo para não ser

²¹ FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 1987.

confundido com “eles”. Depois, à noite, com o peito apertado de tanta tristeza, eu punha a cabeça no travesseiro e pedia perdão a Deus por eu ser assim, por ter desejo por outros homens.

Eu não gostava de mim, eu não gostava dos gays. Os ecos das piadas e dos discursos como “filho veado quero bem longe de mim” ou “os homossexuais vão para o inferno e devem se arrepender, pedir perdão, é pecado” ricocheteavam na minha mente e me deixavam completamente atordoado, chegando mesmo a desejar a morte durante anos, tamanho sofrimento. Da minha cabeça não saía a ideia do suicídio,²² havia em mim uma pulsão tremenda de morte; cheguei até ir para a beira de uma autoestrada, na madrugada, embriagado com uma garrafa de vinho, pensando em me atirar na frente de um caminhão. Tomei coragem apenas para estilhaçar a garrafa no meio da estrada e voltar para casa chorando e me odiando mais ainda por tamanha covardia, até porque, suicídio também é considerado pecado!

Entre o oitavo ano da escola até o terceiro colegial, descobri uma fórmula que funcionou como magia para ganhar um pouco de respeito dos outros jovens: o desenho! Desenhar se tornou um lazer e ao mesmo tempo uma arma contra a rejeição de alguns e um escudo para me proteger. Eu desenhava muito bem desde pequeno, sempre fui muito criativo e observador das formas. Na adolescência eu desenhava os heróis da Marvel e da DC Comics (HQs)²³ – claro que ainda numa tentativa de me enquadrar à heteronormatividade. Amava aqueles homens másculos e fantasiados (bem *drags*), aquelas mulheres com grandes seios e quadris largos, tudo muito voluptuoso e cheio de cores e sombras. Desenhava também alguns retratos, personagens de desenhos animados ou quaisquer outras ilustrações de revistas de jogos de RPG, que representavam um mundo mágico, onde eu me refugiava enquanto o mundo me atormentava.

Ao concluir o ensino médio, fui para a faculdade de desenho e plástica, não por amor à arte, mas sim pela esperteza da minha mãe que visava um futuro sustentável no magistério para mim. Claro que ela via em mim um rapaz talentoso com habilidades para o desenho, mas a real era o desejo de uma vida profissional estável que ela sonhou para mim (lecionei artes durante quinze anos na rede pública). Mas, o que talvez meus pais

²² O número de suicídios entre jovens homossexuais é maior do que o número de suicídios entre os heterossexuais devido à repressão que sofrem. Ver <https://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,ERT226806-17770,00.html>.

²³ Histórias em quadrinhos/Bandas desenhadas.

não esperavam, e nem eu, era eu conhecer muita gente interessante, bem resolvida e sexualmente assumida na faculdade.

Na minha pacata cidade de Mairiporã, um vale cercado por montanhas, havia uma *galera* bem *underground* com a qual fui ter contato logo depois de concluir a escola. Essa *galera* vivia na periferia da cidade, uma realidade até então um pouco afastada de mim, apesar de eu também não ser um garoto de classe média, porém, morava no centro da cidade. Com eles comecei a frequentar o bar de *rock*, onde havia metaleiros, *punks* e roqueiros dos mais variados tipos que pareciam não ter medo de nada e de ninguém, estavam pouco se importando para o que pensavam da sua forma de vestir e agir (alguns bem performáticos) e isso me encantava demais! Fiz amizades que me fizeram entender o quanto eu estive fechado em um mundo normativo criado por uma sociedade hierarquizada e excludente, o quanto eu vinha sendo manipulado pela minha educação, pela televisão e principalmente pela Igreja. Conheci a Galeria do Rock²⁴ em São Paulo, frequentando também os seus bares. Li o livro *Mate-me por favor*, a história do movimento *punk*, narrada por seus protagonistas – Sid Vicious se tornou um herói para mim.

A leitura do romance *A metamorfose*, de Franz Kafka (1883-1924), me fez entender como me tornei abjeto para a sociedade e o quanto me tornei estranho para os meus pais. Esse livro chegou às minhas mãos quando visitei a biblioteca de uma das escolas onde trabalhei, (devia ter 19 anos, talvez); na verdade, era uma HQ, o que me levou a ler o livro mais tarde. Na obra, Kafka descreve a metamorfose da personagem principal (Gregor Samsa), transformada em um inseto assustador, parecido com uma barata gigante. Com isso, narra a história de alguém que se transformou em algo que a família não esperava, algo que a envergonhava tanto que o esconderam da sociedade trancando-o em um quarto onde ele sente o peso de não poder corresponder às expectativas dos pais e da sociedade. Há uma cena na qual o pai de Gregor atira-lhe algumas maçãs com força para que ele volte para o quarto na tentativa de escapar, tendo uma das maçãs penetrado na sua carne, onde ela apodrece com o tempo causando-lhe a morte.

Foi nesse tempo, entre a faculdade e as descobertas na arte, no cinema e a banda de *rock and roll*,²⁵ com as noitadas no bar de *rock*, e minhas descobertas filosóficas e sonoras (porque foram estes ambientes que me aproximaram mais das leituras e do desejo de

²⁴ Um espaço comercial alternativo no centro da cidade de São Paulo onde algumas subculturas podem coexistir.

²⁵ Tive o prazer de fazer parte de uma banda de *rock*, na qual eu era vocalista.

saber), que comecei a explorar mais as minhas potencialidades como artista e como homossexual, as potencialidades do meu corpo. Foi nesse tempo também que descobri a São Paulo LGBTQIAP+ noturna. Frequentava as discotecas e os bares da Rua Augusta em busca de prazer imediato; talvez para esquecer toda aquela angústia inexplicável que havia dentro de mim. Na maioria das vezes me sentia vazio, muito burro, desconectado de tudo e de todos, mesmo da própria comunidade LGBTQIAP+; me sentia um desgarrado e um invasor. Sem me assumir totalmente na faculdade e para os amigos, muito menos para a família, esse início da busca por uma identidade foi muito difícil e solitária também, já que eu não tinha referências por viver na bolha do mundo hétero.

A Filosofia, a Literatura²⁶ e a Arte me acompanharam em todo esse processo, junto com todas aquelas experiências apaixonadas e novas. Sinto que naquele período eu fiquei completamente fora do eixo e meu mundo todo desabou. Hoje consigo perceber que eu não tinha muita noção de que tudo o que eu acreditava se perdeu, se “desmanchou no ar”, fiquei à deriva. Talvez eu possa dizer que naquela época o meu sentimento para com a vida se assemelhava ao que os “homens modernos” sentiam, se me comparar à Saint-Preux, personagem da novela *A nova Heloísa*, de Rousseau, que sai da cidade do interior para viver em meio ao vórtice atordoante da cidade grande:

“eu não sei, a cada dia, o que vou amar no dia seguinte”. Sonha desesperadamente com algo sólido a que se apegar, mas “eu vejo apenas fantasmas que rondam meus olhos e desaparecem assim que os tento agarrar”. Essa atmosfera – de agitação e turbulência, aturdimento psíquico e embriaguez, expansão das possibilidades de experiência e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, auto expansão e auto desordem, fantasmas na rua e na alma – é a atmosfera que dá origem à sensibilidade moderna.²⁷

Sobre sensibilidade moderna, e refletindo sobre o pensamento do filósofo moderno Friedrich Nietzsche, penso também que, durante muito tempo, estive mergulhado no que ele chamou de “niilismo”. Desapegado de tudo, triste, nada mais fazia sentido. É muito difícil explicar o que eu sentia naquele momento, mas consigo me lembrar muito bem do sentimento de perda e de vazio, da solidão, do peito que parecia que ia se arrebentar e me rasgar ao meio; do frio no estômago que se misturava a uma sensação de dor e profundidade imensa. O medo e a desconfiança que eu sentia de todas as pessoas; do

²⁶ Mesmo que não entendesse quase nada do que lia (por não haver qualquer tipo de orientação), eu persistia nas leituras.

²⁷ BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. (Trad. de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L Ioriotti). São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 18.

sentimento de desespero e achar que eu podia enlouquecer; de achar que eu era constantemente vigiado e julgado; eu entrava em paranoia, que o mundo todo era simplesmente um teatro, uma incubadora de corpos utilitários para o funcionamento da máquina, uma *Matrix*²⁸ bem arquitetada, construída pelo poder de alguns. Assim meu niilismo se transformou também no abandono de mim mesmo, pois “Demasiadas coisas se tornaram claras para mim. Agora já não me importam. Já nada do que amo vive. Como poderia amar-me ainda a mim mesmo?”²⁹

Por acaso, algo que me ajudava muito nessa época era transpassar todo aquele sentimento para os meus “Cadernos do Artista”, minhas “escrevivências”. Nesses cadernos comecei a desenhar e escrever tudo o que me vinha à mente sem muitos pudores (uma vez que mesmo sozinho eu era capaz de me repreender na escrita ou no desenho), minhas loucuras e medos, todo o meu delírio. Nesses cadernos, meus desenhos foram tomando alguma forma e foi nesse processo que pude experimentar alguns traços e texturas, como o uso da caneta esferográfica e do lápis, algumas colagens e misturas de materiais com outros experimentos como esculturas, por exemplo:

²⁸ Filme de ficção científica lançado em 1999.

²⁹ NIETZSCHE, F. W. *Assim falava Zaratustra* (Trad. de Antonio Carlos Braga). São Paulo: Lafonte, 2017, p. 267.



Imagem II. Sem título. Autor: João Wagner Daruich.



Imagem III. Sem título, 2021. Autor: João Wagner Daruich.

Produzi tais cadernos ao longo de 2004 a 2015. Neles criei muitas das personagens, tais como nas imagens acima, hoje presentes de forma muito marcante nas minhas obras. Gosto de pensar que foram nessas personagens que expressei boa parte das minhas angústias e tudo aquilo que me assombrava. Essas figuras, assim como muitas outras que criei, são como uma espécie de seres híbridos, sem classificação, da mesma forma que os sentimentos e as sensações que me dominavam. No caso da imagem número II, no que se refere à falta de classificação, temos uma mistura não exata de partes de animais, pois este ser não é um burro nem um cavalo nem outro equino. Também não é um pássaro nem um pégaso³⁰ – talvez um monstro sem par, capaz de voar, e que toma o lugar dos anjos na figura IV, mais abaixo no texto. Já na imagem III o hibridismo se apresenta na mistura de plantas, animais (inclui o humano), ciclopes, bactérias, vírus e objetos, como uma porta e uma escada que dão acesso ao interior deste ser que é capaz de pairar no ar. Talvez frutos de uma “transvaloração”,³¹ ou seja, uma resignificação do meu sofrimento por meio da arte. Hoje, essas mesmas personagens possuem novos significados, ganharam outras qualidades, carregam novas narrativas, contam novas histórias e estão inseridas em outros contextos, explorando um universo muito mais amplo. Trata-se da criação de um bestiário particular, bestas sem nome ou definição. Vejo meus personagens passearem por uma história épica, como novos mitos, deusas e deuses, seres etéreos que, se desejarem, também podem viver à imagem e semelhança dos seres humanos, e que superam a existência do homem.

Após assumir a sexualidade – passando por muitos dramas familiares que só as pessoas de sexualidades dissidentes são capazes de entender (como a cura gay no psicólogo ou na volta para a igreja como sugestão da família) –, depois de muitos riscos e perigos corridos, cheio de medo e insegurança, percebi minha acomodação dentro daquele projeto de suicídio a longo prazo por meio das bebedeiras e vida noturna. Tinha inclusive medo de amar alguém, de ser rejeitado como sempre fui pelos homens, e achava que rejeitar era a única forma de ser “bom” (foda) – até eu conhecer alguém que, com muito amor, estava disposto a me ajudar a sair daquela “zona autodestrutiva confortável”.

Assim, também como uma estratégia de fuga daquele lugar que me adoentou, juntos nos mudamos para Portugal, onde decidi cursar Museologia, mesmo sem saber coisa alguma sobre esse assunto. Vamos salientar que a base clássica que eu tinha em

³⁰ Pégaso: cavalo alado da mitologia grega, símbolo de imortalidade.

³¹ NIETZSCHE, F. W. *A genealogia da moral* (Trad. de Antonio Carlos Braga). São Paulo: Escala, 2013.

mente era a do profissional de museu que vai trabalhar em prédios bonitos, exposições de arte, objetos históricos de alto valor, conservação e restauração. Porém, durante o mestrado, fui apresentado à Sociomuseologia, a Judite Primo, Mário Moutinho e Maristela Simão (minha orientadora do mestrado), além de muitos outros museólogos e professores que trabalham com a Sociomuseologia ou dialogam com ela de alguma forma. Em especial, o professor doutor Jean Baptista, com o qual pude ter o conhecimento da existência da Museologia LGBTQIAP+.

Devido a todo esse processo, hoje sou capaz de perceber na leitura que faço do meu trabalho artístico todo o aprendizado que tive nas aulas, tudo que absorvi com minhas pesquisas bibliográficas e as minhas experiências estéticas no Brasil e na Europa, coisas que se entrelaçam em minha mente e que se traduzem na produção artística.

Arte para uma leitura crítica do mundo e para a transvaloração e reescrita das nossas memórias, novos olhares

Foi por meio das aulas de mestrado em Museologia e das aulas de doutoramento em Sociomuseologia que pude fazer *links* entre a Filosofia, a memória individual e a memória coletiva. Através do diálogo que a Sociomuseologia se propõe a fazer com as pessoas das comunidades que fazem parte dos “flagelados do mundo”, junto à “denúncia às subalternidades e às colonialidades que nos aprisionam”,³² fui capaz de estruturar um pensamento de forma crítica, tendo como base a referência de grandes pensadores que estudei durante o processo de escrita para a minha dissertação. Foi, então, como uma cena apoteótica, que uma luz pareceu ter acendido no escuro da minha solidão e da minha tristeza.

Aquela busca dolorosa pelo meu eu e minha identidade parecia ter se revelado a mim e se descomplicado um pouco. Com o conhecimento de algumas teorias sobre a identidade, como, por exemplo, as de Judith Butler³³ e Stuart Hall,³⁴ foi como se eu tirasse um enorme peso das minhas costas para deixar a vida mais leve, processo esse de aprendizagem que reverbera no meu novo processo criativo, no aprimoramento da técnica, da estética e do conceito das minhas obras, como o conceito da “decolonialidade”, muito presente na minha obra *Do pecado ao paraíso sodomita*.

³² PRIMO, J.; MOUTINHO, M. “Uma releitura do mundo pelo olhar da Sociomuseologia”. Op. cit., p. 31.

³³ BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (Trad. de Nuno Quintas). Lisboa: Orfeu Negro, 2017.

³⁴ HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade* (Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro). 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.



Figura IV. *Do pecado ao paraíso sodomita*, 2022. Autor: João Wagner Daruich.

Tratando-se de colonialidade, é necessário lembrar que a colonização não aconteceu apenas com as apropriações indevidas das terras colonizadas, mas também por meio da escravização dos corpos e das mentes, quando, imposto pela violência, o cristianismo é apresentado aos povos colonizados como forma de superioridade que se traduz na

religião, pois o colonizador acredita estar salvando os não cristãos. É como se os colonizadores dissessem: “Nós os bons – nós somos os justos – aquilo a que aspiram não o chamam de represália, mas, pelo contrário, ‘trunfo da justiça’ (...) a vitória de Deus, do Deus justo sobre os sem-deus”.³⁵

Deste modo, penso que muito do processo de apropriação desses símbolos na minha pintura é brincar, resignificar, transvalorar parte daquele imaginário construído por uma cultura que se sobrepôs a outras – este imaginário inculcado culturalmente, através da educação e da construção de hábitos,³⁶ a que somos dominados desde nossa infância. Na obra acima (figura IV) trago como exemplo a ideia de “paraíso”, símbolo da santidade, do bem e do bom, ideia que é vendida pelo cristianismo à nossa juventude, que pode ser lido também como um produto para a colonização mental.

Se observarmos bem a história do cristianismo e de como funciona o processo de “salvação das almas”, fica fácil perceber que o “céu/paraíso” sempre pertenceu ao colonizador europeu, uma vez que este arroga para si tudo aquilo que é considerado “bom” pela sua cultura – que automaticamente sempre excluiu todos aqueles que não se enquadram no padrão heteronormativo eurocentrado, o que resultou, durante muito tempo, na negação do paraíso às pessoas da comunidade LGBTQIAP+. Apesar de desejá-lo, porque assim fomos ensinados, fomos levados a crer que não merecíamos este “espaço” sagrado por sermos “impuros”, segundo o imaginário mítico dos colonizadores. Quiseram nos fazer crer que somos pecadores e “maus”, seres ruins:

Gramsci afirma que é muito comum um determinado grupo social, que está numa situação de subordinação com relação a outro grupo, adotar a concepção de mundo deste, mesmo em que ele esteja em contradição com a sua vida prática. Ademais, ele ressalta que esta concepção do mundo imposta mecanicamente pelo ambiente exterior é desprovida de consciência crítica e coerência, é desagregada e ocasional.³⁷

Mas hoje, por meio da “desobediência epistémica”, segundo “um processo que implica desobedecer os saberes instituídos”³⁸ em um ato criador, na obra *Do pecado ao paraíso sodomita*, proponho a transvaloração, a transformação dos símbolos de pureza e de castidade, para resignificar aquilo que nos foi negado e assim «tomar para nós» este paraíso e transformá-lo à nossa imagem. É um ato de poder. É criar uma nova narrativa

³⁵ NIETZSCHE, F. W. Op. cit., 2013, p. 70.

³⁶ LAHIRE, B. *O homem plural: as molas da ação*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

³⁷ PRIMO, J.; MOUTINHO, M. “Uma releitura do mundo pelo olhar da Sociomuseologia”. Op. cit., p. 22.

³⁸ *Ibidem*, p. 30-31.

através dos próprios mitos³⁹ que um dia nos aprisionaram e, assim, fazer uso deles para a própria libertação e esperança.⁴⁰ Uma nova perspectiva, para que, por meio da arte, sejamos capazes de nos elevar moralmente e espiritualmente, nos fortalecendo, sabendo que o uso dos mitos se faz necessário para a reescrita da nossa história.

Sem o mito, porém, toda cultura perde sua força natural sadia e criadora: só um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo um movimento cultural. Todas as forças da fantasia e do sonho apolítico são salvas de seu vagar ao léu somente pelo mito. As imagens do mito têm que ser os onipresentes e desapercibidos guardiões demoníacos, sob cuja custódia cresce a alma jovem e com cujos signos o homem dá a si mesmo uma interpretação de sua vida e de suas lutas: e nem sequer o Estado conhece uma lei não escrita mais poderosa do que o fundamento mítico, que lhe garante a conexão com a religião, o seu crescer a partir de representações míticas.⁴¹

Apresento também neste artigo a obra que intitulo *Gregoriano: o receptáculo dos nossos ancestrais*, figura V, na qual a figura de um homem possui um buraco no lugar do seu rosto, deixando à mostra o interior de sua cabeça; com isso é possível ver que dentro há um templo cristão em estilo gótico. Através dos vitrais deste templo podemos enxergar o lado de fora que reflete a luz e as cores do arco-íris que se formam no horizonte. De dentro da cabeça, vemos sair um dos seres híbridos que paira entre o dentro e o fora da cabeça; parece estático e parece dominar todo aquele corpo, como um controlador, como um parasita que nele se instalou.

³⁹ Trago a palavra “mito” como forma de simbolizar as narrativas bíblicas possuidoras do poder de alimentar o espírito humano, assim como salienta Nietzsche.

⁴⁰ Como os unicórnios, que são associados à pureza e à força, os quais, na obra, protegem os portões desse paraíso mais democrático e colorido.

⁴¹ NIETZSCHE, F. W. *O nascimento da tragédia* (Trad. de J. Guinsburg). São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 133.



Figura V. Título: *Gregoriano: o receptáculo de nossos ancestrais* (2022). Autor: João Wagner Daruich.

Das possíveis leituras⁴² dessa obra, a personagem gregoriana pode retratar o que Nietzsche chamou de o “último homem”⁴³, aquele que se acomodou, que já não busca a grandiosidade de seu ser individual e se iguala na mediocridade de um saber hegemônico, ditado através das gerações passadas. Este homem que, em interpretação da obra, representaria o “homem cristão heterossexual dono de toda a verdade”, seria o resultado

⁴² Vale salientar que a leitura de cada obra é um trabalho muito subjetivo que varia de sujeito para sujeito, logo, as leituras sobre as obras são múltiplas.

⁴³ NIETZSCHE, F. W. Op. cit., 2017.

do sistema cultural pautado no patriarcado heteronormativo europeu, sistema capaz de fazer até mesmo dos poderosos governantes seus servos – tanto o pobre quanto o rico são escravos desse sistema, como aponta Nietzsche:

Todos querem a mesma coisa, todos são iguais. Aquele que pensar de modo diverso, que encaminhe voluntariamente seus passos para o manicômio. (...) “Eu sirvo, tu serves, nós servimos” – assim reza também a hipocrisia dos governantes. E aí quando o primeiro amo não é mais do que o primeiro servidor.⁴⁴

Ainda sobre a servidão, Alegre⁴⁵ nos diz que os sujeitos dentro das regras da normatividade – ou seja, todas e todos que são de pele branca e se enquadram na matriz heterossexual –, em sua maioria, salvo exceções, raramente se questionam quando o assunto é a generificação dos seres humanos (incluo também aqui a questão racial). Independentemente da classe social que ocupa, os sujeitos são habituados ao exercício de fé e bombardeados por informações pré-moldadas que levam a acreditar na existência da verdade única. E quando se fala em “verdade” dentro de uma sociedade monoteísta, como é o caso do cristianismo, é bem provável que estamos falando do próprio Deus, que, segundo a religião, simboliza a verdade de todas as coisas. Deus seria então “a verdade que liberta”, isso segundo os preceitos cristãos: “conhecerei a verdade e a verdade vos libertará”;⁴⁶ e, em se tratando de libertação, estamos falando da existência de um mal que habita em nós. As sociedades “salvacionistas”, como os cristãos e os islâmicos, tinham como missão salvar toda a humanidade do mal.

Esses seriam os impérios despóticos salvacionistas (...) em que representa um papel crucial um corpo de crenças religiosas de caráter messiânico (...) como forças aliciadoras de todas as energias étnicas de suas populações para a destinação sagrada de impor ao mundo a verdade divina de que eram depositários. A essa missão divinal aliam-se, naturalmente, os interesses econômicos, em que importava sua transformação em senhorios de um mundo reordenado de conformidade com a palavra de seus profetas.⁴⁷

Para Nietzsche, é fato que, desde a revolução cristã na decadência do Império Romano, nós fomos adestrados⁴⁸ para obedecer aos interesses de uma classe dominante,

⁴⁴ NIETZSCHE, F. W. Op. cit., 2017, p. 22-170.

⁴⁵ ALEGRE, L. *Elogio da homossexualidade* (Trad. de Jorge Melícias). Coimbra: Edições 70, 2017.

⁴⁶ BÍBLIA. JOÃO, 8:32. Português. In: Bíblia sagrada (Trad. de João Ferreira de Almeida). Edição Revista, 2006.

⁴⁷ RIBEIRO, D. *O processo civilizatório*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 99.

⁴⁸ Escolhi utilizar o termo *adestrar* devido ao estudo que Foucault realizou sobre os processos disciplinares em *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Portugal, 2018.

a classe sacerdotal que ascendeu ao poder. Com o passar do tempo, tal como aponta Foucault,⁴⁹ a tecnologia do processo educativo colonizador de mentes humanas teria gerado mentes e “corpos dóceis”,⁵⁰ corpos padrões, através de uma história que muitos querem esquecer, cheia de violência e sangue derramado. Basta lembrar das invasões nas Américas a partir dos séculos XV e XVI, e a dizimação dos povos autóctones com o discurso de salvação das almas pagãs em nome do Deus católico cristão, como apontado anteriormente por Ribeiro. No caso da obra *A genealogia da moral*, Nietzsche traz luz para a questão: quem decide o que é bom e mal? O que é o pecado? Existe uma verdade absoluta? Para o filósofo, a resposta é clara: os valores e as verdades são criados por aqueles que detêm o poder.

(...) aqueles que ocupam uma posição de destaque (...) julgaram e fixaram a si e a seu agir como “bom”, ou seja, de primeira ordem, em oposição a tudo o que é baixo, de alma mesquinha, comum e plebeu. Foi esse *pathos* da distância que os levou a arrogar-se por primeiros o direito de criar valores, de forjar o nome dos valores.⁵¹

Nietzsche nos apresenta a forma pela qual nos foi introjetada a ideia e o sentimento de culpa; de como o medo nos foi inculcado pela força da religião cristã. Partindo deste princípio, Foucault e Freire podem ser colocados em diálogo com Nietzsche, e talvez concordar que o medo da punição foi enraizado na sociedade europeia e nas sociedades colonizadas pelos europeus, desde a invenção do mecanismo de condenação para o inferno quando se “vive em pecado” (fora das normas) – ao suplício público como forma didática de educar o povo e mostrar o poder do soberano,⁵² a que todos devem obediência, prática antiga.

Segundo Freire, tal processo de introjeção do medo fez com que os sujeitos “temessem a liberdade”⁵³ devido à opressão e à violência exercidas por parte do poder contra a vida em suas mais diferentes formas. Por isso, a obra *Do pecado ao paraíso sodomita* coloca em questão a ideia do paraíso cristão que, em sua versão clássica, está limitado aos heterossexuais. Na obra, os portões deste paraíso são custodiados por seres teriomórficos alados, que não são anjos nem demônios, protegidos por unicórnios revestidos das cores do arco-íris e por um disco voador que domina todo o cenário – como

⁴⁹ FOUCAULT, M. Op. cit.

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ NIETZSCHE, F. W. Op. cit., 2013, p. 36.

⁵² FOUCAULT, M. Op. cit.

⁵³ FREIRE, P. Op. cit.

o anúncio de que ali a diversidade é garantida e divinizada, mas não por um deus, e sim por seres do futuro, pois não há pecado no que fazemos e o “céu é o limite” que todos nós podemos alcançar.

Considerações finais para uma apoteose LGBTQIAP+

Questionar estes valores ancestrais para decolonizar a mente da moral cristã exige muito tempo e muita energia. Por isso, entendo que a arte, nesse sentido, é a representação de um processo muito mais complexo, que é a vida. De acordo com Luís Alegre,⁵⁴ e vivendo na pele este processo lento e doloroso, é claro que, para nós homossexuais, até entendermos que não há pecado algum em se relacionar com pessoas do mesmo sexo – inspirados pelo medo do castigo, tanto do castigo divino quanto do castigo dos nossos próprios pais sobre nós, como por exemplo a rejeição da família –, podemos ser levados a viver um sofrimento profundo que os heterossexuais nunca saberão o que é. Visto que nunca puderam viver o mundo fora do conforto de seus templos/prisões que são responsáveis por manter as normas; estivemos no inferno enquanto eles apenas rezavam.

Quando se é considerado “normal”, você provavelmente está em consonância com a ancestralidade cristã normativa, em sintonia com a família tradicional essencialista. Ou seja, se você é heterossexual, você não deve nada aos costumes e aos sacrifícios de seus ancestrais. Se você é heterossexual, você está em dia com tudo o que aprendeu em casa com nossos pais e mães héteros, que aprenderam com nossos avós, que aprenderam de nossos bisavós e assim por diante. Portanto, o heterossexual está livre do “sentimento de falta”,⁵⁵ do sentimento de culpa no que diz respeito à sexualidade e toda a expressão de vida dissidente, uma vez que o hétero está dentro das regras.

A maioria dos museus e museologias formados e dirigidos por “cabeças gregorianas” estão em completa harmonia com as narrativas ancestrais essencialistas e servem para representar e reafirmar toda uma cultura projetada através da história, repleta de ilusões sobre a vida, sobre a sexualidade, sobre o gênero, sobre si mesmos e sobre a “verdade das coisas”. Através da Sociomuseologia, é possível perceber a necessidade de luta e resistência, fazendo uso de uma educação libertária. Precisamos nos libertar daqueles que nos colonizaram e nos dominaram por muito tempo. Este é o verdadeiro mal; é preciso exorcizar as nossas mentes de toda a moral conservadora e retrógrada. A

⁵⁴ ALEGRE, L. Op. cit.

⁵⁵ NIETZSCHE, F. W. Op. cit., 2013.

Museologia LGBTQIAP+ faz frente à “Museologia essencialista” e é capaz de empoderar aqueles que se rebelam, sendo a própria Museologia LGBTQIAP+ uma insurgente, um ato político, tal qual a Sociomuseologia se propõe.

Por meio da arte e da memória LGBTQIAP+, fazendo o uso da escrevivência, da vida vivida, como artista-museólogo, pude fazer a denúncia e a exposição de alguns mecanismos ancestrais de controle mental, com o intuito de ultrapassar as barreiras que impedem a museologia de romper com os limites da museologia normativa, propondo novos olhares e uma leitura do mundo que faça parte da reescrita das narrativas LGBTQIAP+, materializando neste artigo o que a Sociomuseologia tem construído: “uma museologia para a vida, ou seja, uma museologia como ferramenta de libertação, pessoal e coletiva, uma museologia como proposta de uma poética criativa”.⁵⁶

Com este projeto artístico, e com a conceituação das obras fazendo o uso da memória, tento comunicar e dialogar para aliviar o peso do colonizador que existe sobre o corpo subalternizado e adestrado. É uma forma de olhar para fora das janelas, para fora deste templo que foi construído dentro de nós, os colonizados, enjaulados, com nossos desejos e expressões castrados. Após séculos de violência, é preciso passar do estado de corpo dócil para o de corpo potencializado, uma vez que:

(...) os corpos foram sempre os primeiros territórios de dominação nas relações de poder (...). No entanto esses corpos-territórios quando estão em processo de insurgência na construção de novas expressões, assumem-se então como *corpos sujeitos* e *corpos políticos* que reivindicam o direito a sua plena expressão, que exigem direito de existência, que exigem respeito pelas suas múltiplas formas de expressão e se resignificam cotidianamente.⁵⁷

Sob uma leitura e uma interpretação da obra de Nietzsche, a autoaceitação é vontade de viver, é o reconhecimento da própria existência como resistência, é entender a própria força na luta diária como “vontade de potência”.⁵⁸ E penso que você, ao ler este texto, possa desejar comigo a libertação dos “gregorianos” que existem em nós, a quebra dos preconceitos e da homofobia enraizada nos costumes da sociedade, para que todas as pessoas um dia possam usufruir das potencialidades de seus corpos sem o peso da opressão exercida pela hegemonia. Sonhamos com o dia em que “gregorianos” possam

⁵⁶ BRUNO, M. C. “Sinergias e enfrentamentos: as rotas percorridas que aproximam a Museologia da Sociomuseologia”. In: PRIMO, J.; MOUTINHO, J. *Teoria e prática da Sociomuseologia*. Lisboa: ULHT, 2021, p. 56.

⁵⁷ PRIMO, J.; MOUTINHO, J. “Sociomuseologia e Decolonialidade: contexto e desafios para uma releitura do mundo”. Op. cit., p. 34.

⁵⁸ NIETZSCHE, F. W. Op. cit., 2017.

olhar para o lado de fora dos seus templos sagrados com respeito e aceitar a realidade tal qual ela se apresenta, repleta de diversidade, das múltiplas cores do arco-íris de possibilidades; e que a arte possa ser um veículo para a contemplação, para a reflexão, a transformação dos indivíduos e o fortalecimento da comunidade LGBTQIAP+.